



RELIGIÃO, PÓS-MODERNIDADE E PELO QUE REZAM (ORAM) OS FIÉIS?

(Religion, post-modernism and what do people pray for?)

Rosângela Nunes Bittencourt Souza

Mestranda em Teologia da PUC/SP.

E-mail: rosangelabits@gmail.com

RESUMO

O que é Religião? O que é comunidade religiosa? Como a religião é vista hoje? É a religião relevante para os dias de hoje? E os fiéis rezam pelo quê? O presente artigo pretende fazer uma breve análise da relevância da religião diante de problemas reais. Para tanto, o método utilizado será o Estudo de Caso, realizado em um Projeto Social que acolhe menores vítimas de abusos.

Palavras-chave: Religião; Comunidade Religiosa; Fiéis.

ABSTRACT

What is Religion? What is religious community? How religion is seen today? Is religion relevant nowadays? And what do people pray for? This article intends to make a brief analysis of the relevance of religion before actual problems. Therefore, the method used is the case study taken in a Social Project that welcomes children who were victims of abuse.

Keywords: Religion; Religious community; People.

INTRODUÇÃO

O que é Religião? Tentar responder essa questão no sentido etimológico da palavra é tentar desvendar um enigma. Paira sobre o seu significado certa dúvida: “Lactânio (250-317) derivou-o de *re-ligare*, “religar”, sugerindo o laço entre o homem e a divindade”¹. Bruno Forte sugere que o prefixo “re” significa tanto presença como ausência, afirmação e negação; assim esse *re-ligare* poderia ser interpretado como “ligar” e “desligar”, aproximar no mesmo ato que afastar, unir com o mesmo impulso que separa... Religião traria, em si, a noção de adesão à divindade, que, ao mesmo tempo, se traduziria num afastamento em relação a tudo que não condiga com esta. As práticas religiosas aproximam os correligionários, mas, ao mesmo tempo, os difere de outros grupos religiosos. Religião é um elemento formador da identidade.² “Com mais probabilidade, porém, Cícero pensa que a origem tenha sido *re-legere*, o que poderia significar “reler”, ler de novo, aprofundar (significaria então a interiorização, o recolhimento), ou então, “reunir, recolher”, conforme o sentido original de *legere*, colher”. Este é o sentido mais provável. Ainda no latim medieval, *religio* significava antes de tudo a comunidade dos adeptos de uma determinada espiritualidade. Religião seria, portanto, união, reunião, unidade, comunidade. Seria “a” comunidade, aquela que mais do que

¹ KONINGS, Johan M. H. & ZILLES, Urbano (org.). Religião e Cristianismo. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 1997 p. 24.

² FORTE, Bruno. Trindade para ateus. São Paulo: Paulinas, 1998 pp.34-35.



qualquer outra merece este nome. Na antiga Roma, a religião identificava-se, praticamente, ora com a família, ora com o estado resultante das famílias. No Oriente semítico coincidia com a tribo, o clã. Por isso, a Bíblia fala do Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó etc. (Ex 3,6). Mais tarde, a religião coincidia com o povo hebreu na sua totalidade, a “reunião” das doze tribos. Chamava-se qahal,³ o que na tradução grega da Bíblia se tornou ekklêsía⁴ (convocação, assembleia) e, através do latim, foi conservado em português sob a forma alterada de “igreja”. “Igreja” significa “assembleia”⁵.

Para facilitar a compreensão do que este artigo pretende, passamos a usar o significado “igreja”, quando nos referirmos a “religião”.

1. EXPLICAÇÃO COM BASE BÍBLICA – A NATUREZA DA IGREJA

A igreja é a comunidade de todos os cristãos de todos os tempos. Essa definição compreende que a igreja é feita de todos os verdadeiramente salvos. Paulo afirma: “Cristo amou a igreja e entregou-se a si mesmo por ela” (Ef 5,25). Aqui o termo “a igreja” é usado para referir-se a todos aqueles pelos quais Cristo morreu para redimir, todos os salvos pela morte de Cristo. Isso, porém, inclui todos os verdadeiros cristãos de todos os tempos, tanto os salvos do Novo como os do Antigo Testamento. O plano de Deus para a igreja é tão grande que Ele exaltou Cristo a uma posição de suprema autoridade por amor à igreja: “E pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (Ef 1, 22-23).

O próprio Jesus Cristo edifica a igreja chamando seu povo para si mesmo. Ele prometeu: “Edificarei a minha igreja” (Mt 16,18). Lendo os textos bíblicos, é difícil imaginar que “igreja” seja um espaço físico. Lucas nos mostra de modo cuidadoso que o crescimento da igreja não se deu apenas pelo esforço humano, mas “acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia os que iam sendo salvos” (At 2,47). Esse processo pelo qual Cristo edifica a igreja é, no entanto, apenas uma continuação do modelo estabelecido por Deus no Antigo Testamento, por meio do qual Ele chamou um povo para Si mesmo para ser uma assembleia em adoração diante Dele. Quando Moisés diz ao povo que o Senhor havia-lhe dito: “Reúne este povo, e os farei ouvir minhas palavras, a fim de que aprenda a temer-me todos os dias que na terra viver...”

³ O biblista Luís Alonso Schökel em seu dicionário do hebraico bíblico define *qahal* (קהל) como: “grupo, associação, conjunto; comunidade, assembleia, povo, exército, milícia; bando, horda, tropel”. SCHOKEL, Luís Alonso. Dicionário bíblico hebraico-português. São Paulo: Paulus, 1997 (2ª ed.) p. 573 (verbeta: קהל). O que dá a ideia de que há algum tipo de pacto ou aliança entre os membros.

⁴ O termo provém de *ekkaléu* (= chamar, chamar para fora, chamar de). Trata-se de uma palavra composta pela preposição “ék” (que indica movimento, dinâmica, sucessão, mudança separação e/ou distinção) e o verbo “kaléu” (= chamar, convocar para cerimônias, mais precisamente, “chamar pelo nome”). RUSCONI, Carlo. Dicionário do grego do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2003, p. 153 (verbeta: ἐκ), p. 156 (verbeta: ἐκκλησία) e p. 256 (verbeta: καλέω). A ideia que se transmite parece ser a de um convite individual a participar de um evento coletivo. Ainda permanece implícita a noção de separação, pois quem não foi convidado, não pode participar da “cerimônia”.

⁵ . KONINGS, Johan M. H. & ZILLES, Urbano (org.). Religião e Cristianismo. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 1997, pp. 24-25.



(Dt 4,10), a Septuaginta traduz a palavra “reúne” (heb. Qāhal) pelo termo grego *ekklesia*, “igreja”.

Portanto não é surpreendente que os autores do Novo Testamento possam falar do povo de Israel do Antigo Testamento como uma “igreja (*ekklesia*) no deserto” (At 7,38 grifo do autor). E o autor de Hebreus fala de Cristo como quem cantaria louvores a Deus no meio da grande assembleia do povo de Deus no céu: “No meio da igreja (*ekklesia*) cantar-te-ei louvores” (Hb 2,12, tradução do autor citando Sl 22,22).

Assim, o autor de Hebreus entende que os cristãos de hoje, que constituem a igreja na terra, estão rodeados de uma grande “nuvem de testemunhas” (Hb 12,1), que retrocede até aos primeiros períodos do Antigo Testamento e inclui Abel, Enoque, Noé, Abraão, Sara, Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e os profetas (Hb 11,4-32). Todas essas “testemunhas” rodeiam o povo de Deus de hoje, e nada mais adequado do que vê-las como a grande “assembleia” ou “igreja” espiritual juntamente com o povo de Deus do Novo Testamento. Além disso, mais tarde no capítulo 12, o autor de Hebreus afirma que quando nós, cristãos do Novo Testamento, adoramos a Deus, entramos na presença da “assembleia (lit. “igreja”, gr.*ekklesia*) dos primogênitos arrolados no céu”. Essa ênfase não é surpreendente à luz do fato de que os autores do Novo Testamento veem tanto os cristãos judeus como gentios unidos agora na igreja. Juntos eles foram feitos “um” (Ef 2,14), são “um novo homem” (v.15) e “concidadão” (v.19) e membros “da família de Deus” (v.19).

Portanto, embora haja certamente novos privilégios e novas bênçãos dadas ao povo de Deus no Novo Testamento, tanto o uso do termo “igreja” nas Escrituras como o fato de em toda a Bíblia Deus sempre chamar seu povo para, reunido, adorá-lo, mostram que é correto pensar na igreja como o povo de Deus de todos os tempos. Em sua realidade verdadeiramente espiritual como a comunidade de todos os cristãos genuínos.

No sentido cristão, a igreja apareceu pela primeira vez em Jerusalém, após a ascensão de Jesus. Compunha-se predominantemente de um grupo de discípulos galileus de Jesus, juntamente com aqueles que corresponderam à pregação dos apóstolos em Jerusalém. Apesar de que, julgando pelo livro de Atos, a nova comunidade não começou a usar imediatamente o termo **ekklēsia** para descrever a si mesma, via-se como remanescente eleito de Israel, destinado a encontrar a salvação em Sião (Jl 2,32; At 2,17 e segs.), bem como o tabernáculo restaurado de Davi que o próprio Jesus prometera reedificar (At 15,16; Mt 16,18).

É fácil compreender que quando a igreja em Jerusalém se descrevia como a **ekklēsia**, isso estava em conformidade com suas reivindicações de ser o remanescente restaurado de Israel, a verdadeira “congregação do Senhor”. O que o livro de Atos não explica é como, imediatamente fora do território de Israel, viesse a aparecer um grupo misto de judeus e gentios que também foi chamado de “**ekklēsia** de Antioquia” (At 13: 1). No entanto assim sucedeu. Antioquia, e não Jerusalém, era o modelo da “nova igreja”, a qual deveria aparecer por todo o mundo. Esta foi fundada por judeus helenistas. Ali os crentes foram pela primeira vez apelidados de **christianoi**, “homens-de-cristo”, por seus vizinhos gentios (At 11: 26). Antioquia tornou-se o trampolim para a expansão do Evangelho por todo oriente.



2. O QUE DIZEM SOBRE A IGREJA HOJE

No livro *Assim na Terra como no Céu*, Gínia Cesar Bontempo diz: “Podemos dizer, sem medo de cometer injustiças, que a visão teológica da maioria das igrejas cristãs no Brasil é focada quase que exclusivamente na relação espiritual do ser humano com Deus, pois a visão das igrejas não foge à regra cultural dos demais segmentos da sociedade. A comunidade se situa em um contexto histórico e é permeável às influências de seu tempo e espaço. Por decorrência, a evangelização também se desenrola com um foco mais estreito do que seria adequado, voltado ao resgate apenas de homens e mulheres em lugar de uma abordagem integral de restauração de toda a criação”.

José Comblin cita em seu livro *Teologia da Cidade*, “[Igreja] é uma comunhão que subsiste, sem o apoio material dos fatores econômicos, culturais, sociais, políticos, ou ao menos que subsiste com o mínimo desses fatores, e sem ampliá-los.” (p.77).

Na visão de Valter Maurício Goedert, para estudar ou entender a igreja atual é necessário considerar as implicações das ações ministeriais dos modelos das igrejas de Jerusalém, Antioquia e Éfeso. Aponta que a igreja no Novo Testamento é nomeada de “comunidade dos salvos” (At 2. 47), “Corpo do Senhor” (1 Co 12. 27), e “esposa de Cristo” (Ef 5. 25), entendida como “comunidade de pessoas” (não uma instituição, uma entidade jurídica, nem, muito menos uma hierarquia). *O diaconato permanente*, (p. 14).

Para John Stott em seu livro *A Missão Cristã no Mundo*, a missão da igreja inclui tanto evangelização, como ação social, pois cada um deles é, em si mesmo, uma autêntica expressão de amor. (p. 107).

Wilson de Souza questiona em seu livro, *O Evangelho e as questões sociais*, “Mudar o sistema político ou transformar o homem?”. “Qual a missão da igreja?” Alguns pregam: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação das estruturas políticas”. O problema do homem estaria nas estruturas e nos sistemas políticos.

A Bíblia nos revela a preocupação de Deus com o homem no âmbito geral – no Antigo Testamento, formando um povo, uma nação; no Novo Testamento, instituindo a igreja. Estabelecendo o Reino de Deus entre os homens. “Não existe vida cristã isoladamente, pois somos membros uns dos outros no Corpo de Cristo: a Igreja” (p. 117).

3. O QUE É COMUNIDADE RELIGIOSA?

Para Larry Crabb em *O Lugar mais seguro da Terra*, a igreja é uma comunidade de pessoas numa jornada rumo a Deus. Onde quer que haja unidade sobrenatural e movimento dirigido pelo Espírito, aí está a igreja – uma comunidade espiritual”. (p.45).

“Comunidade do povo de Deus deve ser como um rochedo em mares tempestuosos, uma ilha de paz num mundo de dor. Deve ser a comunidade dos aflitos: pessoas humildes que comungam com Deus e dEle dependem para tudo que é bom; pessoas arrependidas que amam a santidade mais que o pecado; pessoas apaixonadas que respeitam, buscam e acolhem seus desejos mais profundos porque sabem que o que mais desejam é Deus. As pessoas que



formam uma comunidade espiritual assumiram a condição de doentes, acharam a cura e agora anseiam espalhar a notícia de que os aflitos podem viver” (p. 214).

Segundo Grudem (p.716) a igreja como comunidade possui ministério relacionado a Deus, aos cristãos e ao mundo; sendo assim, é necessário que ela cumpra esse ministério.

Ministério com relação a Deus: adorar. No relacionamento com Deus o propósito da igreja é adorá-lo. Paulo ordena à igreja de Colossos que louve a Deus “com salmos, hinos e cânticos espirituais, com gratidão no coração” (Cl 3. 16). Deus nos destinou e nos escolheu em Cristo “para louvor da sua glória” (Ef 1. 12). A adoração na igreja não é simplesmente uma preparação para algo mais. Ela está em si mesma cumprindo o principal propósito da igreja com referência ao seu Senhor.

Ministério com relação aos cristãos: edificar. De acordo com as Escrituras, a igreja tem a obrigação de nutrir aqueles que já são cristãos e edificá-los à maturidade na fé. Paulo disse que seu próprio alvo não era apenas levar pessoas à fé salvífica inicial, mas sim “apresentar todo homem *perfeito* (maduro) *em Cristo*” (Cl 1. 28). Ele escreveu à igreja de Éfeso que Deus havia concedido à igreja pessoas com dons “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para *edificação do corpo de Cristo*, até que todos cheguem à unidade da fé e pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4. 12-13).

É evidentemente contrário ao modelo do Novo Testamento pensar que o nosso único alvo para com as pessoas é levá-las à fé salvífica inicial. Nosso alvo como igreja deve ser apresentar a Deus todo cristão “perfeito (maduro) em Cristo”. (Cl 1. 28).

Ministério com relação ao mundo: evangelização e misericórdia. Jesus disse aos seus seguidores que eles deveriam “fazer discípulos de todas as nações” (Mt 28. 19). Essa obra evangelística de declarar o evangelho é o ministério principal da igreja com relação ao mundo.

Todavia, acompanhando a obra de evangelização, há também o ministério de misericórdia, que inclui o cuidado dos pobres e dos necessitados em nome do Senhor. Embora a ênfase do Novo Testamento esteja na ajuda material para os que fazem parte da igreja (At 11. 29; 2 Co 8. 4; 1 Jo 3. 17), há ainda uma afirmação de que é o correto ajudar os descrentes ainda que eles não respondam com gratidão, nem aceitem a mensagem do evangelho.

Jesus nos ensina: “*Amais, porém, os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem esperar paga; será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo. Pois Ele é benigno até para os ingratos e maus. Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai.*” (Lc 6. 35-36).

Uma vez que os três ministérios foram ordenados pelo Senhor, a igreja não pode negligenciar um e favorecer outro. Mas a igreja precisa ser forte nestas três áreas e acautelar-se em manter o equilíbrio nos três ministérios, cumprindo assim as ordens dadas pelo Senhor.



4. VATICANO II

(a verdadeira Igreja está presente em todas as comunidades de fiéis)– A doutrina hodierna sobre a relação entre Igreja Universal e comunidade local foi exposta em seus traços fundamentais pelo Concílio Vaticano II: - “Esta Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades de fiéis que, unidas a seus pastores, são também elas no Novo Testamento chamadas de “igrejas”. Cada uma delas é, em seu lugar, o Novo Povo chamado por Deus, no Espírito Santo e com plena convicção (cf. 1 Tes.1,5). Nelas se congregam os fiéis pela pregação do Evangelho de Cristo. Nelas se celebra o Mistério da Ceia do Senhor, a fim de que, comendo e bebendo o Corpo e o Sangue do Senhor, toda a fraternidade se una intimamente. Em qualquer comunidade, reunida em torno do altar sob o ministério sagrado do bispo, aparece o símbolo da caridade e da unidade do Corpo Místico, sem a qual não pode haver salvação. Nessas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres, ou vivendo na dispersão, está presente Cristo, por cuja virtude se consocia a Igreja uma santa, católica e apostólica (cf. LG 26). A “principal manifestação da Igreja realiza-se” na diocese, sobretudo nas celebrações litúrgicas, “presididas pelo bispo, cercado do seu presbitério e ministros” (SSC 41). O bispo deve necessariamente organizar todo o povo de Deus de sua igreja “em comunidades particulares”, entre as quais sobressaem as paróquias confiadas a um pastor local, que as governa, fazendo as vezes do bispo: “pois de algum modo eles representam a Igreja visível estabelecida por toda a terra” (SSC 42).

5. COMO A “IGREJA” É VISTA HOJE?

Segundo John Stott (p.123), o mundo de hoje está repleto de clamores que refletem ira, frustração e sofrimento. Mas muitas vezes nós nos fazemos de surdos diante dessas vozes de angústia.

Primeiro, temos o sofrimento daqueles que nunca ouviram o nome de Jesus, ou que, embora tenham ouvido falar nele, ainda não o aceitaram e, portanto, em sua alienação e perdição, estão sofrendo terrivelmente. Neste caso, o que costumamos fazer é sair correndo com o evangelho nas mãos, subir no nosso poleiro e vomitar a nossa mensagem, sem a mínima consideração para com a situação cultural ou as verdadeiras necessidades dessas pessoas. O resultado é que, com muito mais frequência do que gostaríamos de admitir, nós afastamos as pessoas e até mesmo aumentamos sua alienação, pois a forma como apresentamos a Cristo é insensível, desajeitada e até irrelevante. De fato, “responder antes de ouvir é estultícia e vergonha”⁶.

A melhor coisa é ouvir antes de falar, procurar penetrar no mundo das ideias e pensamentos da outra pessoa, tentar descobrir quais são as suas possíveis objeções ao evangelho e então compartilhar as Boas Novas de Jesus Cristo de uma maneira que fale às suas necessidades. Esta atividade desafiadora, humilde e perspicaz é chamada, e com razão, de “contextualização”. Mas é essencial acrescentar que contextualizar o evangelho não é de maneira alguma manipulá-lo. A verdadeira evangelização precisa “ouvir duas vezes”, ouvir

⁶ Pv 18,13



com sensibilidade, pois a testemunha cristã fica entre a Palavra e o mundo e está, conseqüentemente, na obrigação de ouvir a ambos. Nós ouvimos a Palavra a fim de descobrir mais e mais das riquezas de Cristo. E ouvimos o mundo a fim de discernir, dentre as riquezas de Cristo, quais são as mais necessitadas e como apresentá-las a ele da melhor maneira.

Isso mostra a natureza e o propósito do diálogo interconfessional. Diálogo não é nem um sinônimo nem um substituto de evangelização. Diálogo é uma conversação séria na qual nós estamos dispostos a ouvir e aprender, assim como a falar e ensinar. É, pois, um exercício de integridade.

Em segundo lugar, temos o sofrimento dos pobres e dos famintos, dos despossuídos e dos oprimidos. Muitos de nós só agora é que estão despertando para a obrigação que a Escritura sempre colocou sobre o povo de Deus, de preocupar-se com a justiça social. Nós deveríamos ouvir com mais atenção os clamores e os suspiros daqueles que estão sofrendo. Compartilho aqui um versículo bíblico que nós temos negligenciado e que, em se tratando deste assunto, quem sabe deveríamos destacar. Ele contém uma solene palavra de Deus para aqueles que, dentre o seu povo, carecem de consciência social. Encontra-se em Provérbios 21,13: “O que tapa o ouvido ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido”.

Fechar os ouvidos aos outros é um sinal de evidente desrespeito. Quando nos recusamos a ouvir alguém, estamos dizendo que não consideramos essa pessoa digna de ser ouvida. A comunidade religiosa precisa ouvir o clamor dos necessitados. Precisa ouvir o Espírito, precisa ouvir o mundo.⁷

6. EVANGELII GAUDIUM 98 diz: Não à guerra entre nós

Dentro do povo de Deus e nas diferentes comunidades, quantas guerras! No bairro, no local de trabalho, quantas guerras por invejas e ciúmes, mesmo entre cristãos! O mundanismo espiritual leva alguns cristãos a estar em guerra com outros cristãos que se interpõem na sua busca pelo poder, prestígio, prazer ou segurança econômica. Além disso, alguns deixam de viver uma adesão cordial à igreja por alimentar um espírito de contenda. Mais do que pertencer à igreja inteira, com sua rica diversidade, pertencem a este ou àquele grupo que se sente diferente ou especial.

A E.G. 99 segue dizendo: O mundo está dilacerado pelas guerras e a violência, ou ferido por um generalizado individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros, visando ao próprio bem-estar. Em vários países, ressurgem conflitos e antigas divisões que se pensavam em parte superados. Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente. Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais animais e ajudais: “Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). Foi o que Jesus, com uma intensa oração, pediu ao Pai: “Que todos sejam um só (...) em nós [para que] o mundo creia”

⁷ Stott, John. Ouça o Espírito, ouça o mundo / John Stott; Tradução de Silêda Silva – 2 ed. – São Paulo : ABU Editora, 2005.



(Jo17,21). Cuidado com a tentação da inveja! Estamos no mesmo barco e vamos para o mesmo porto! Peçamos a graça de nos alegrarmos com os frutos alheios, que são de todos.

7. ESTUDO DE CASO

Passo a compartilhar uma experiência que me fez repensar minha posição como “igreja” no mundo atual. E me inspirou a repensar o papel da “igreja” nos dias de hoje.

Experiência relatada por uma missionária que vive atualmente na Tailândia. Texto transcrito na íntegra.

Na comunidade considerada a mais vulnerável de Bangkok, a capital da Tailândia, está uma pré-escola cristã que atende 68 crianças na idade pré-escolar oferecendo educação e princípios cristãos num país onde mais de 95% das pessoas são budistas.

Os budistas não acreditam na vida eterna e salvação em Jesus Cristo. Não sabem que tiveram seus pecados perdoados pela cruz de Cristo e não sabem sequer que o Senhor Jesus veio para trazer-lhes vida eterna e vida em abundância. Acreditam que têm um carma e que após a morte reencarnam em outra vida.

Menos de 1% das pessoas na Tailândia são cristãos. Ou seja, menos de 1% conhecem Jesus como Salvador. A maioria dos tailandeses nunca ouviu falar de Jesus e não fazem ideia do que é ensinado na Bíblia. E a Igreja de Cristo, presente na Tailândia, prega o evangelho ardentemente de muitas maneiras e uma delas é através do Projeto Social, nessa comunidade onde está a pré-escola que pertence à Igreja.

A pré-escola funciona pelas manhãs e um projeto de futebol com crianças e adolescentes à tarde. Além disso, mulheres da comunidade aprendem a fazer bijuterias belíssimas e podem vendê-las ao Projeto Social, para que encontrem um novo meio de renda financeira. Muitas vezes essas mulheres participam, junto com seus companheiros, de venda ilegal de drogas ou outros crimes. Muitos desses homens estão presos e na comunidade há muitas mulheres presas também.

É uma comunidade de alta vulnerabilidade, como temos outras em muitos lugares do Brasil e do mundo. O diferencial (além dos dados da religião no país) é que estamos falando do país que está entre os primeiros do mundo em tráfico de pessoas, a maioria delas para fins sexuais, sendo que a maior parte das pessoas exploradas para sexo são mulheres e crianças. Essas crianças em geral estão muito expostas, por exemplo, aos estrangeiros, que podem oferecer menos de cinquenta dólares e tê-las para eles, com consentimento de responsáveis.

A Igreja, através do Projeto Social e especialmente a escola, vem na contramão de tudo isso e dá valor à criança. Colocando a criança no centro (a criança não é vista como alguém e muito menos como alguém de valor) e naquele espaço e horário que elas estão conosco, elas são as pessoas mais importantes da comunidade inteira. Então o nosso primeiro trabalho é AMAR. Elas sentem que são únicas e especiais. E aprendem o porquê as valorizamos como únicas e amadas. Porque Deus nos manda, porque Deus as coloca como primeiras no Reino, porque Jesus Cristo, nosso Mestre, nos ensina a dar esse valor às crianças e a ensiná-las a Palavra de Deus. Então, também além dos conteúdos de pré-escola, que fortalece o aprendizado cognitivo para começar a vida escolar, o objetivo da escola é ensinar a Palavra de Deus de



maneira compreensível e que faça diferença em todas as áreas da vida da criança, da família e da comunidade na qual ela está.

As estatísticas falam que uma criança absorve o que quer que seja que ela aprenda. Usamos um ditado que na vida de uma criança, o ensinamento que chegar primeiro, é o que ganhará o seu coração. Por isso o investimento de amor, tanto com educação como o investimento espiritual, chegando ainda na tenra idade em suas vidas, está ganhando o coração e a mente da criança para sempre. Cremos nisso e cremos numa próxima geração onde mais pessoas vão conhecer e ser transformados pelo amor de Deus. Por isso trabalhamos. Para que toda criança desenvolva livremente todo o potencial dado por Deus a elas e cresçam livres de todo mal para glorificar a Deus com todo o seu ser, especialmente ao conhecê-lo e saber que pertencem a Ele e a mais ninguém. Amem.⁸

Ter a oportunidade de conviver por meros quatro dias com essa missionária e com essas crianças faz qualquer cristão que tem compromisso com o Senhor repensar sua postura diante do mundo e do momento em que vivemos. Sim, eu acredito na relevância da “igreja”, da “religião” na vida das pessoas, na vida deste mundo. A igreja precisa clamar, a igreja precisa agir.

Nós, cristãos, estamos unidos não só por nosso compromisso com Jesus Cristo, como também por nosso compromisso com a igreja de Jesus Cristo. Precisamos ter a mesma perspectiva de igreja que Jesus tinha e redescobrir a visão de uma igreja viva, renovada pelo Espírito Santo, tal como foi nos seus primeiros tempos. O propósito de Deus não é salvar indivíduos e perpetuar seu isolamento. Deus se propôs a edificar a igreja, uma comunidade nova e redimida. Planejou-a na eternidade passada e está levando a cabo no processo histórico do presente e vai aperfeiçoá-la na eternidade que virá.

A igreja está no centro do plano da salvação. Cristo morreu não só para nos redimir de toda a iniquidade, mas também para reunir e purificar para si mesmo um povo entusiasmado pelas boas obras. Assim diz a palavra:

“Ele se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras”. (Tito 2,14)

Na eternidade, Deus nos reunirá aos redimidos por Cristo como um só povo, mas até chegarmos à eternidade precisamos ser a igreja viva, que leva vida a quem precisa.⁹

CONCLUSÃO

Embora a visão de “igreja” hoje esteja um tanto descaracterizada e que muitos se refiram à “igreja” como espaço físico, ou “Casa do Senhor”, com a ideia de que a construção tenha algo de sagrado ou sobrenatural e que ali Deus está, podemos compreender, através da Bíblia, que por mais que o local seja separado e consagrado ao Senhor, nunca será a representação de “Igreja” segundo os propósitos de Deus.

⁸ Missionária Karis Andrea – Klongtoey Community Church – Tailândia - Bangcoc

⁹ Sinais de uma igreja viva : as marcas de uma Igreja cheia do Espírito Santo / John Stott – 1 ed. – São Paulo : ABU Editora, 2005.



Vemos através das Escrituras que “igreja” é cada cristão que aceitou Cristo como Salvador e a união/comunhão destes, independentemente do local onde estejam ou da quantidade, a Bíblia nos diz: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou Eu no meio deles”. (Mt 18. 20). Fica claro que a “Igreja” que Deus considera é a igreja invisível.

Necessário, porém, é que cada integrante desta “igreja” tenha consciência do seu papel no corpo de Cristo; vimos que somos chamados e temos um compromisso para com Aquele que nos chamou, para com meu irmão e para com a sociedade.

A igreja não pode ficar fechada dentro do espaço físico, buscando satisfação pessoal ou coletiva, acreditando que está na “igreja” para ter seus desejos e anseios atendidos.

Desta forma, vimos através da Bíblia e dos autores que a “igreja” precisa cumprir seu papel. Ter consciência do que Deus espera dela. Entender que o Evangelho é algo que precisa alcançar todos os homens, mas precisa também alcançar o homem todo. E não se falou aqui apenas em atender aos pobres (embora faça parte), mas como “Igreja” nosso papel vai além disso. A “Igreja” precisa ser agente de transformação, a “Igreja” precisa influenciar a sociedade de maneira positiva, provocar mudanças no comportamento das pessoas, despertar o desejo daqueles que estão no mundo de conhecer Aquele que nos move.

A “igreja” precisa ser sal da terra e luz do mundo, não fomos chamados para “esquentar” os bancos. Mas fomos chamados para levar ao mundo em todo seu aspecto, a chama viva de Deus.

A “igreja” precisa cuidar de pessoas, cuidar da natureza, cuidar de tudo aquilo que Deus nos deu.

A Igreja contemporânea, muito mais do que uma organização, é um organismo vivo e precisa produzir vida.

É por essa razão que rezam os fiéis.

BIBLIOGRAFIA

STOTT, John. Sinais de uma igreja viva: as marcas de uma Igreja cheia do Espírito Santo / John Stott – 1 ed. – São Paulo : ABU Editora, 2005.

STOTT, John. Ouça o Espírito, ouça o mundo / John Stott; Tradução de Silêda Silva – 2 ed. – São Paulo: ABU Editora, 2005.

KONINGS, Johan M. H. & ZILLES, Urbano (org.). Religião e Cristianismo. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 1997 p. 24.

FORTE, Bruno. Trindade para ateus. São Paulo: Paulinas, 1998 pp.34-35.

COMBLIN, José. Teologia da Cidade / José Comblin; Tradução de Célia Maria Leal – São Paulo: Paulinas, 1991 p. 77.

CRABB, Larry. O lugar mais seguro da terra / Larry Crabb; Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira – São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

GRUDEN, Wayne A. Entenda a fé cristã: um guia prático e acessível com 20 questões que todo cristão precisa conhecer / Wayne A. Gruden; Tradução Valdemar Kroker – São Paulo: Vida Nova, 2010.



- SOUZA, Wilson. O Evangelho e as questões sociais: como vencer a miséria e solucionar o problema social e econômico / Wilson de Souza – Rio de Janeiro: MK Ed., 2006.
- STOTT, John. A missão cristã no mundo / John R. W. Stott – São Paulo: Candeia, 2008.
- BONTEMPO, Gínia César. Assim na Terra como no Céu: experiências socioambientais na igreja local / Gínia César Bontempo, org. – Viçosa, MG: Ultimato, 2011.
- GOEDERT, Valter Maurício. O diaconato permanente : perspectivas teológico-pastorais / Valter Maurício Goedert – São Paulo: Paulus, 1995.